A Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros): Um sítio de Habitat da Primeira Idade do Bronze em Trás-os-Montes Oriental. A Campanha 4 (2006)

João Carlos de SENNA-MARTINEZ[1],
José Manuel Quintã VENTURA[2],
& Helder Alexandre CARVALHO[3]

1. LOCALIZAÇÃO E AMBIENTE

A Fraga dos Corvos é um esporão rochoso constituído por xistos anfibolíticos situado na vertente noroeste da Serra de Bornes na elevação conhecida localmente como Monte do Vilar, sobranceira à povoação de Vilar do Monte, sede da freguesia do mesmo nome, concelho de Macedo de Cavaleiros.

O cabeço possui domínio visual sobre a quase totalidade da bacia de Macedo de Cavaleiros nomeadamente sobre as portelas tradicionais de trânsito em direcção a nor-deste (Bragança) e noroeste para Murça (Abreiro, Carrapatas, Vale Benfeito e Vimioso – cf. Bártholo, 1959), em particular a de Carrapatas, célebre pelo depósito de alabardas aí encontrado em 1891 (BÁRTHOLO, 1959: 435-436).

Na base de dados do IPA, sob o CNS 6650, consta como um "...povoado fortificado de grandes dimensões, situado no topo de um grande monte, sobre a aldeia de Vilar do Monte, nos contrafortes ocidentais da serra de Bornes...".

O cabeço é limitado a Noroeste por uma vertente bastante abrupta de rocha onde se abrem dois abrigos. As coordenadas do referencial altimétrico que implantámos num ponto dos afloramentos do topo desta vertente são: Longitude 99 122,194 e Latitude 203 403,721 GAUSS, para uma altitude de 870,856 m, na folha 78 da CMP 1/25000 (fig. 1).

A Nor-Noroeste desenvolve-se uma plataforma em declive suave que constitui a área que designámos como Sector A onde implantámos um referencial ortogonal com o eixo dos y orientado segundo o norte magnético cobrindo uma área de 15m por 20m correspondente à parte norte do topo do cabeço.

[1] Professor Associado do *Departamento de História* da *Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa*. ***Instituto «Alexandre Herculano» de Estudos Regionais e do Municipalismo*** e ***Instituto de Arqueologia*** da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Cidade Universitária, Campo Grande, 1600-214 LISBOA. smartinez@iol.pt
[2] Mestre em Pré-História e Arqueologia pela F.L.U.L., Investigador do PEABMAM - *PAISAGENS* e Investigador Exterior do ***Instituto «Alexandre Herculano» de Estudos Regionais e do Municipalismo*** da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. jmqtventura@yahoo.com
[3] Licenciado em História, Variante de Arqueologia pela F.L.U.L., Mestrando em Arqueologia, F.L.U.L., Investigador do Projecto Terras Quentes. helder@lfx4.ist.utl.pt

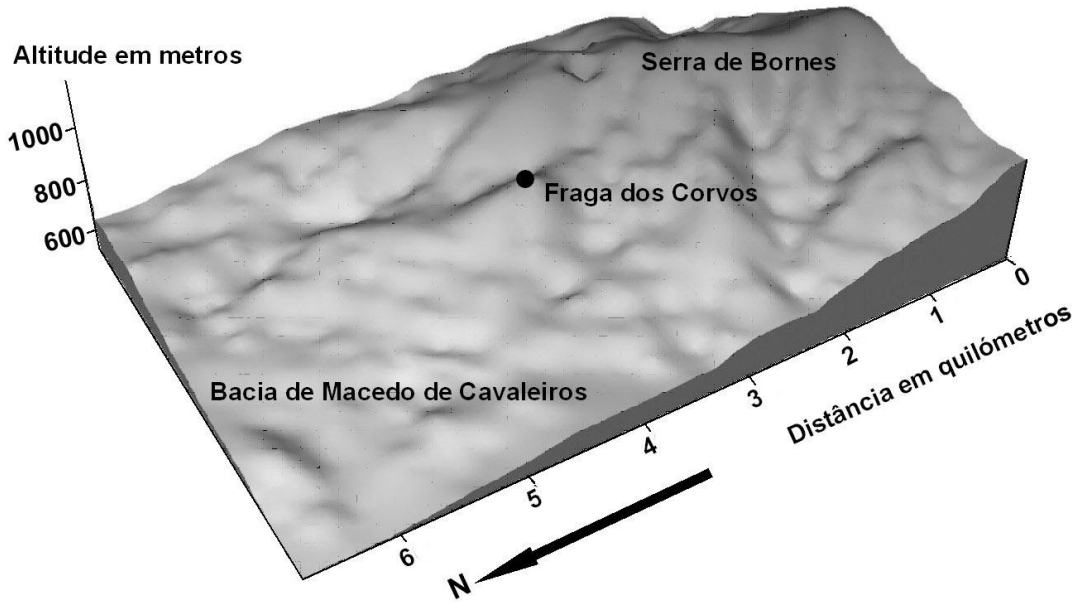

Fig. 1 – Bloco diagrama de parte da Bacia de Macedo de Cavaleiros com a localização da Fraga dos Corvos.

O cabeço é limitado a poente e nascente pelos vales relativamente profundos de duas pequenas ribeiras, respectivamente a de Vale de Nogueira e a Ribeirinha.

2. ANTECEDENTES DA INTERVENÇÃO DE 2006

O sítio da 1ª Idade do Bronze da Fraga dos Corvos foi descoberto em 2003 em resultado de trabalhos de desmatação que o puseram em perigo e que justificaram uma primeira intervenção (Senna-Martinez, Ventura & Carvalho, 2004).

O Sector A – Ao fim da terceira campanha (2005) o Sector A deste arqueosítio era caracterizável, como um povoado de cabanas sub-circulares ou elipsoidais. As primeiras (Cabanas 1, 2, e 3) apresentam cerca de três metros de diâmetro, sendo delimitadas por 13 a 14 buracos de poste perimetrais e um central, de maior diâmetro; as de tipo elipsoidal (Cabanas 4 e 5) são maiores, a Cabana 4, com eixos de 4m por 3,2m, é delimitada por 20 buracos de poste perimetrais, apresentando também um central, equivalente aos das demais cabanas, a Cabana 5, aparentemente a maior de todas, com eixos estimados de 4,6m por 4m, não foi ainda totalmente definida na campanha de 2005.

No extremo sul da Cabana 4 situava-se uma estrutura negativa de planta ovalada (a unidade estratigráfica 57 – UE 57) com eixos de 88cm por 77cm, cheia por areias

obscurecidas e com restos de cinzas (UE 58), sendo delimitada por uma oval de pequenas pedras (Senna-Martinez, Ventura & Carvalho, 2005).

Em torno a esta estrutura foram recolhidos três "pingos de fundição" metálicos [FCORV-A -193, -676 e -660], posteriormente identificado pelo Laboratório de Arqueometalurgia do ITN como tratando-se de Bronzes Binários de cobre e estanho[1], assim como um fragmento de cadinho com aderências de bronze [FCORV-A-691], 71 fragmentos de escória e elementos vitrificados, 2 fragmentos de moldes em xisto e um fragmento de lâmina de bronze.

Este conjunto de dados permitia assim interpretar a estrutura composta pelas UEs.57/58 como uma "caixa-de-areia" e a extremidade sul da Cabana 4 como uma "área de fundição".

As próprias dimensões da Cabana 4 permitiam perspectivar para esta uma funcionalidade diferente das restantes três até então escavadas.

A caixa de areia, correspondendo ao quadrado V1, foi a última parte do piso da Cabana 4 a ser desmontada. A mesma foi consolidada pelo interior com paraloide e depois gaze após o que foi efectuado o respectivo molde interno em poliuretano expandido (fig. 2).

Fig. 2 – A caixa de areia uma vez o interior consolidado com paraloide e efectuado o respectivo molde interno em poliuretano expandido.

Fig. 3 – A caixa de areia após consolidação exterior com paraloide e colocação da moldura em madeira com o espaço entre ambas preenchido com poliuretano expandido.

Seguidamente foi a mesma estrutura desbastada exteriormente até ficar com uma espessura entre 3 e 5cm, processo em que surgiu o fragmento de lâmina de bronze atrás referido, após o que foi a mesma consolidada por fora com paraloide e envolvida por uma moldura de madeira sendo o espaço entre esta e o lado externo da estrutura preenchido com poliuretano expandido (fig. 3). Procedeu-se por fim à selagem da sua parte superior, com poliuretano expandido e uma tampa de tabopan, após

[1] Agradecemos à Senhora Profª Doutora Fátima Araújo, ao Mestre Pedro Valério e à Drª Elin Figueiredo estas informações.

o que se procedeu ao levantamento do conjunto que se encontra já exposto na Sala-Museu de Arqueologia após restauro.

Em 2004, sob parte da Cabana 1, quadrados N12/13, abaixo das cotas de cerca de 866,90m, tínhamos detectado uma outra realidade, presente sobretudo em N12 e encostando ao negativo dos buracos de poste UEs.7, 15 e 30, constituída por uma matriz de terras argilosas [UE.151] castanho escuras (7.5YR3/2) claramente diferenciáveis da UE.1 (terras argilosas castanho avermelhadas escuras – 10YR4/4) e que recobriam um empedrado de elementos de média dimensão em xisto e quartzito [UE.152] com abundantes termoclastos e restos ósseos fragmentados e calcinados (aparentemente todos de origem animal e englobando ovicaprinos e suínos[1]) com alguns raros restos de carvões vegetais dispersos. Designámos este conjunto de evidências sob a Cabana 1 como Cabana 5. Em 2005 procurámos, através do alargamento da área escavada, compreender esta estrutura.

Alargámos assim o desmonte da UE.1 para os quadrados M13 a M11, N11 a N10, O13 a O10 e P10 a P13. Em todos foi possível detectar a sucessão estratigráfica anteriormente reconhecida, isto é, sob a UE.1 surgia a UE.151 e sob esta o empedrado da UE.152. Verifica-se deste modo que em vez de uma lareira, como supusé-ramos em 2004, estas duas unidades configuram um novo piso de uma grande cabana oval que designámos Cabana 5. O respectivo limite norte é balizado por um conjunto de 6 buracos de poste [UEs.158, 160,162, 164, 168 e 174], bem definidos a partir da interface entre a UE.1 e a UE.151 pelos respectivos enchimentos [UEs.159, 161,163, 165, 169 e 175], de cor mais escura, castanho-escuro [10YR4/3].

A matriz do empedrado da UE.152 é constituída por terras argilosas casta-nho-amarelado escuras [10YR3/4] que se prolongam sob este formando a UE.157.

O limite sul da Cabana 5 (fig. 4) parecia então corresponder a um arco de 4 buracos de poste [UEs.170, 178, 186 e 188] e quatro outros buracos de poste foram ainda detectados no interior [UEs.155, 166, 172 e 190] todos identificáveis a partir dos respectivos enchimentos de cor mais escura, castanho-escuro [10YR4/3].

Deste modo, uma das prioridades de estudo para a Campanha 4(2006) era, sem dúvida, expor a totalidade do piso da Cabana 5 e averiguar da existência ou não de evidência estrutural que, juntamente com os restos de actividade metalúrgica, permita considerá-la, à semelhança da Cabana 4, como uma área de fundição, perten-cente embora a um momento estratigraficamente antecedente.

[1] Agradecemos ao Dr. Manuel Cardoso a respectiva análise preliminar.

Fig. 4 – A Cabana 5 no final da Campanha 3 (2005). Além do respectivo empedrado de base são visíveis cheios a poliuretano expandido de cor branca os respectivos buracos de poste. De cor amarelada são visíveis os moldes internos em poliuretano expandido que preenchem os buracos de poste da Cabana 1.

Os Abrigos – Localizados na face Oeste da Fraga dos Corvos, caracterizam-se como uma série de cavidades entre penedos de xisto anfibolítico, criadas pela justaposição caótica de blocos de grandes dimensões.

Duas destas cavidades, as de maiores dimensões, os abrigos 1 (FCORV-A1) e 2 (FCORV-A2) numerados a contar do topo da vertente, foram alvo de uma acção de limpeza e levantamento topográfico na campanha de 2003, permitindo determinar que:

- **O ABRIGO 1**, situando-se a uma cota média de 17 metros abaixo do topo do cabeço, apresenta-se como uma cavidade sob pala xistosa, com profundidade média de 3,50m – à face da pala – no sentido O-E e de 3,50m de largura no eixo N-S. A entrada da cavidade apresentava uma altura média de 2,10m, reduzindo-se para uns meros 0,50m na parte mais profunda. O solo encontra-se preenchido por elementos pétreos em xisto de médias e grandes dimensões, para além de enchimento de terra, com uma espessura indeterminada. Não foram detectados, durante a limpeza de matos e levantamento topográfico, quaisquer materiais arqueológicos.
- Situado 7 metros imediatamente abaixo deste, localiza-se o **ABRIGO 2**, que se apresenta como uma cavidade mais profunda, criada pelo espaço entre dois blocos xistosos. Tem uma profundidade média de 6,30m – à face da pala

– no sentido O-E. A sua largura à face da "pala" é de 3,60m sendo a sua largura média interna de cerca de 2,20m (cf. Estampa IV). A entrada apresenta-se com uma altura média de 3,10m, mas que diminui para uma altura média interna de 1,50m, sendo de 1m em média na sua parte mais profunda.

Na parte mais profunda, identificámos pelo menos 3 chaminés, o resultado dos interstícios entre os grandes blocos de xisto.

Fig. 5 – Aspecto do Abrigo 2, W-E, antes do início dos trabalhos na campanha de 2006.

Foi ainda possível verificar, que o enchimento original do Abrigo 2, tinha sido profundamente afectado, por acção antrópica recente, sendo ainda visíveis diversas fossas, algumas com uma profundidade média que atingia cerca de 0,50m. A crer nas marcas deixadas nas paredes do abrigo, o nível primitivo dos respectivos enchimentos deveria encontrar-se cerca de um metro acima do actual.

Nas intervenções efectuadas em 2004 e 2005, foi possível determinar que apesar de remeximentos recentes, parte dos enchimentos originais ainda se conservavam no sector sul do abrigo, tendo sido identificados, até ao momento, três pisos de habitat. Um

destes – *Piso b* – encontrava-se associado ao negativo de um buraco de poste e uma estrutura pétrea de retenção e suporte das terras do abrigo.

Fig. 6 – O Abrigo 2, W-E, depois da remoção das terras de crivo e do geotêxtil.

Outro aspecto a salientar da campanha de 2005, foi a detecção de um importante conjunto metalúrgico, em bronze compreendendo uma fíbula de dupla mola; um pendente com decoração pontilhada a punção nas duas faces; uma agulha; uma argola e três fragmentos de barrinhas.

O cariz mediterrânico (orientalizante) da fíbula de dupla mola, da agulha (com abundantes paralelos em sítios peninsulares meridionais) e mesmo do pendente, uma vez que a decoração tem paralelos nos grafitos sobre recipientes de cerâmica cinzenta de Medellin datados do séc. VII (M. Almagro-Gorbea, 2004), confere alguma homogeneidade aparente ao que, de outra forma seriam tão só peças de contexto inseguro.

3. A CAMPANHA 4 (2006)[1]

3.1. O SECTOR A

Cabana 5 – No sentido de obter a planta completa desta estrutura foi a área de intervenção da Sondagem 2 alargada aos quadrados L11/13, M10, NOP9 e Q9/13 elevando a respectiva área total em intervenção para 39m^2.

Removidas as UEs.0 e 1 e atingida a interface superior da UE.151 detectaram-se um conjunto de 13 novos buracos de poste [UEs. 194, 196, 198, 200, 202, 204, 206, 208, 210, 212, 214, 216, 240] identificáveis a partir dos respectivos enchimentos de cor mais escura [UEs. 195, 197, 199, 201, 203, 205, 207, 209, 211, 213, 215, 217, 241].

A Cabana 5 é, deste modo, delimitada por 21 buracos de poste perimetrais e, até à data, não revelou buraco de poste central, embora possua 6 interiores, assimétricos (Quadro I e Estampa I).

É possível agora interpretar a UE.151, terras argilosas castanho escuras (7.5YR3/2), como correspondendo ao "piso" da Cabana 5 e o empedrado subjacente [UE.152] como as respectivas fundações (Estampa II).

Fig. 7 – Fragmentos de olaria decorada a pontilhado geométrico e com traços a punção lateral, proveniente da Cabana 5, UE.152.

Na desmontagem da UE.151 e decapagem da UE.152, foram recolhidos diversos fragmentos cerâmicos que confirmam o ambiente cultural que vimos definindo para este arqueosítio. Nomeadamente, confirma-se a convivência de elementos de pontilhado

[1] Participaram desta campanha e além dos signatários um conjunto de alunos universitários, portugueses e espanhóis, que se listam no Anexo-I.

geométrico de "tradição campaniforme" com espinhas e linhas incisas ou impressas a punção lateral (Fig. 7).

QUADRO 1
BURACOS DE POSTE DA CABANA 5 DA FRAGA DOS CORVOS
SECTOR A – SONDAGEM 2

Ambiente	UE B.poste	UE Ench.	Diam(cm)	Z. Detec(m)	Z.Fundo(m)	P(cm)	Estrutura
Cabana 5	155	156	13	866,94	866,82	12	simples c/calços
	158	159	13	866,87	866,70	17	simples
	160	161	12	866,85	866,70	15	simples
	162	163	11	866,70	866,56	14	simples
	164	165	13	866,66	866,47	19	simples
	166	167	14	866,97	866,81	16	simples
	168	169	14	866,82	866,72	10	simples
	170	171	12	867,01	866,82	19	simples
	172	173	13	867,17	867,04	11	simples
	174	175	6	866,84	866,71	13	simples
	178	179	11	867,27	867,07	20	simples
	186	187	12	867,27	867,12	15	simples
	188	189	12	867,49	867,35	14	simples c/calços
	190	191	12	867,30	867,16	14	simples c/calços
	194	195	12	867,18	866,95	23	simples
	196	197	12	867,11	866,89	22	simples
	198	199	13	867,33	866,97	36	simples
	200	201	12	867,39	867,19	20	simples
	202	203	11	867,45	867,15	30	simples
	204	205	12	866,99	866,80	19	simples c/calço
	206	207	12	867,06	866,88	18	simples
	208	209	12	867,22	866,90	32	simples
	210	211	11	867,26	866,99	27	simples
	212	213	11	867,37	867,21	16	simples
	214	215	12	867,39	867,22	17	simples
	216	217	10	867,37	867,21	16	simples
	240	241	12	867,32	866,82	50	simples
	Média		**12**	**867,13**	**866,93**	**20**	

Recolhemos igualmente toda uma série de fragmentos ósseos de fauna mamalógica ainda não identificados mas que se inserem no verificado na campanha anterior.

Concentrados em LM13/12 recolhemos um conjunto importante de elementos vitrificados incluindo o que parecem ser dois pingos de fundição, bem como um fragmento de arame metálico (bronze?)[1].

Finalmente, em OPQ9, um conjunto de quatro outros buracos de poste [UEs.230, 234,236,238 e 232] configura o que pode ser uma nova cabana (Cabana 7 – Estampas I e II).

Cabanas 4 e 6 – Os dados obtidos com a desmontagem do piso da Cabana 4 em 2005 e a identificação de dois buracos de poste exteriores mas adjacentes ao seu lado oeste (Fig. 8) conduziram a que decidíssemos alargar a área escavada na Sondagem 3 para incluir os quadrados RST1/2/3 (Estampas III e IV).

Fig. 8 – A Cabana 4 no início da campanha de 2005. As duas ovais brancas marcam os dois buracos de poste exteriores [UEs.180 e 184] e a área sombreada a extensão aberta em 2006.

Verificámos, após a desmontagem da UE.0, que outros dois buracos de poste [UEs. 218 e 223], localizados respectivamente em R3 e R1, limitavam, em conjunto com os

[1] Todos estes elementos, juntamente com os restantes achados metálicos de outros contextos da Fraga dos Corvos, aguardam análise no ITN.

buracos de poste UEs.180 e 184 identificados em 2005, um espaço sub-quadrangular que enquadrava no seu lado norte uma estrutura negativa de planta irregular [UE.221] preenchida por terras argilosas avermelhadas, com abundantes termoclastos (Fig. 9) incluindo três fragmentos de moldes, um dos quais constituía uma tampa de molde rectangular quase completa (Fig. 10). Desta área provêm igualmente alguns fragmentos de escória ou elementos vitrificados não-metálicos.

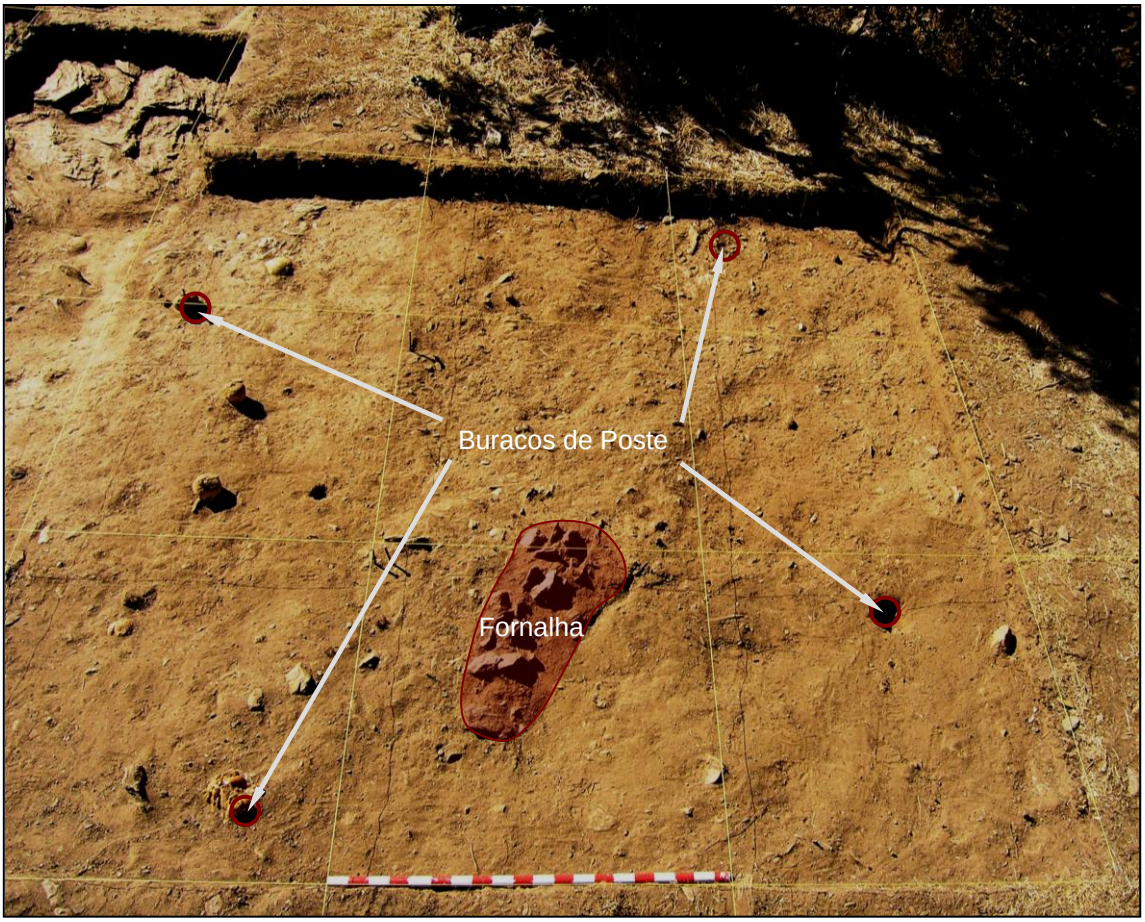

Fig. 9 – O "Coberto ou Alpendre (Cabana 6)", com a fornalha UE.221, adjacente à Cabana 4.

A Cabana 4 juntamente com este "alpendre" a que chamámos "Cabana 6" configura assim um espaço dedicado a actividades de fundição de bronze, em pequena escala, com uma fornalha/lareira exterior (sob alpendre), onde os cadinhos poderiam ser aquecidos, e uma caixa de areia no interior da Cabana 4 onde os moldes poderiam ser preenchidos com metal em fusão. Naturalmente, o espaço entre "fornalha" e "caixa de areia" encontrava-se "pingado" de restos de escória, metal e elementos vitrificados não-metálicos.

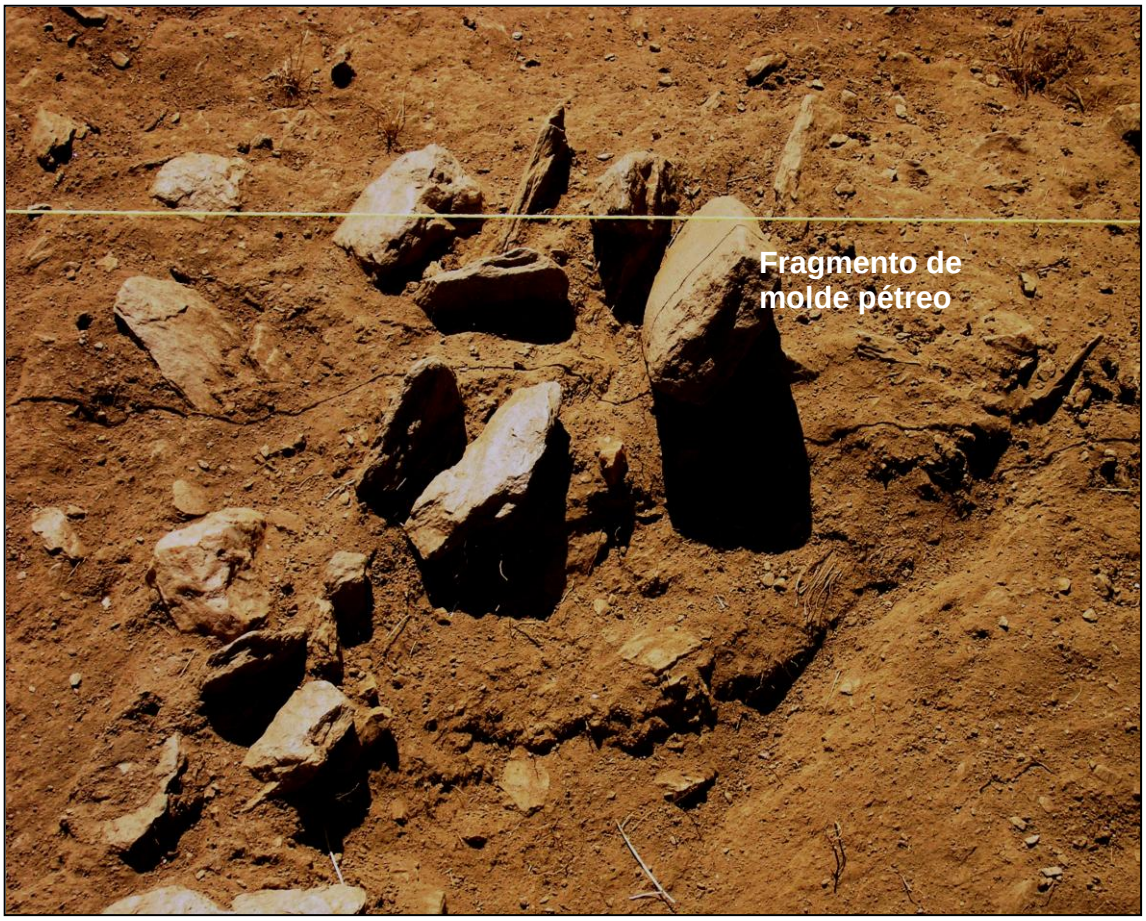

Fig. 10 –A fornalha UE.221, sob o "Coberto ou Alpendre (Cabana 6)" adjacente à Cabana 4. São visíveis: o aspecto "cozido" das terras argilosas da matriz do respectivo preenchimento [UE.222]; diversos termoclastos em xisto e quartzo e fragmento de tampa de molde pétreo.

QUADRO 2
BURACOS DE POSTE DO "ALPENDRE (CABANA 6)" DA FRAGA DOS CORVOS
SECTOR A – SONDAGEM 3

Ambiente	UE B. poste	UE Ench.	Diam (cm)	Z. Detec (m)	Z.Fundo (m)	P (cm)	Estrutura
Cabana 6	180	181	13	868,77	868,60	17	simples
	184	185	10	868,61	868,51	10	simples
	218	219	12	868,43	868,29	14	simples
	223	224	17	868,62	868,32	24	Simples
		Média	**13**	**868,61**	**868,43**	**16**	

3.2. Os Abrigos

Após a limpeza superficial e remoção da terra de crivo e geotêxtil colocados no final da campanha de 2005, foi reimplantado o referencial base, tendo sido delimitados para intervenção cerca de 15m^2 correspondentes aos quadrados E/J-6/7, F/H-

5 e F-3/4, de modo a complementar a informação das campanhas de 2004 e 2005 (cf. Senna-Martinez, Ventura & Carvalho, 2005 e 2006).

Iniciámos os trabalhos com a remoção de todas as terras soltas de superfície [UE.2000] nos quadrados G/H-5, E-6/7 e J-7, não intervencionados nas campanhas anteriores. Tal como foi referido em anteriores relatórios, a UE.2000 apresenta-se como uma camada de terras soltas de cor castanho pálido (10YR 7/4, quando secas).

Durante a decapagem da UE.2000 recuperou-se um conjunto de artefactos (Anexo II), dos quais destacamos um fragmento de base plana de H-6 (FCORV-A2 290/06).

Sob a UE.2000 detectou-se, em toda a área intervencionada a UE.2001 - terras de consistência média e coloração castanho-avermelhado, quando húmidas [5YR 4/4]. Tal como em anteriores intervenções neste arqueosítio, a UE.2001 será de formação similar à UE.2000, englobando para além de materiais arqueológicos, materiais modernos, como beatas de cigarros e plásticos, resultado dos remeximentos recentes.

Durante a decapagem desta UE recuperou-se um conjunto de artefactos, maioritariamente cerâmicos ainda que bastante fragmentados, mas dos quais destacamos um dente de foice sobre lasca de xisto de G-5 (FCORV-A2 306/06) e uma pequena espátula de cosméticos, presumivelmente em bronze, de J-7 (FCORV-A2 361/06).

Fig. 11 – Dente de foice em xisto (FCORV-A2 306)

Fig. 12 – Espátula em bronze (FCORV-A2 361)

Sob a UE.2001 era possível discernir as seguintes realidades (Estampa VII):

- Nos quadrados E-6/7 imediatamente sob a UE.2001 foi possível detectar o topo de uma camada [UE.2021] de terras compactas e duras, de coloração castanha amareladas (10YR 5/4) idênticas às detectadas em 2004, nos quadrados F/G-6;

- No sector norte – em G/H-5, identificou-se uma fossa [UE.2085] preenchida por terras de consistência média castanhas avermelhadas (5YR 4/4) [UE.2086] que são o resultado da acção das raízes da mimosa, que se desenvolveu no sector. A escavação desta fossa e do seu enchimento permitiu a recuperação de vários artefactos, dos quais destacamos em H-5, um fragmento de bojo decorado com incisões efectuadas com punção lateral (FCORV-A2 359/06);
- No quadrado H-5, sector sul, detectou-se a interface superior de uma camada de terras compactas [UE.2095], acastanhas (7,5YR 5/2), que julgamos ser os restos de um piso de ocupação preservado, correspondente ao *Piso b*;
- Em J-7/8, sob a UE.2001, detectou-se no centro do quadrado uma camada de terras médias, mas com a interface superior compacta [UE.2096], de cor castanha amarelada escura (10YR 4/4) muito semelhante em termos de estrutura e de cota, ao piso UE.2051 identificado em 2005 no quadrado J-6. Parte deste piso tinha sido destruído pela acção de raízes, que criaram a fossa UE.2051, que se estendia também pelo quadrado J-6 (cf. Relatório campanha 2005). Ao longo da parede sul do abrigo, localizava-se a fossa UE.2049, resultado da acção das raízes e de pequenos roedores.

Após o respectivo registo gráfico e fotográfico procedemos à decapagem da UE.2021 em E-6/7, verificando-se, que sob esta unidade, e em clara descontinuidade, se situava uma camada de terras castanhas (7,5YR 5/4), compactas e duras, configurando-se como o topo de um piso de habitat [UE.2088] e clara continuidade com a UE.2036, identificada em campanhas anteriores, nos quadrados F/G-6/7 (Cf. Estampa IX). No canto sul de E-7, foi também detectada a fossa UE.2054 (identificada na campanha de 2005) e o respectivo enchimento [UE.2055] da qual provêm um pequeno pendente em Xisto de F-7 (FCORV-A2 341/06).

Prosseguimos os nossos trabalhos pela remoção, na íntegra nos quadrados F/E-6/7 da UE.2036/2088, bem como a decapagem da UE.2085, no quadrado F-5.

Da decapagem da UE.2036/2088, ou seja, do *Piso b*, foi possível recuperar de F-6 um pequeno fragmento de flanco de núcleo em sílex (FCORV-A2 280/06) e um fragmento de bordo decorado incisões a punção lateral (FCORV-A2 279/06).

Fig. 13 – Fragmento de Bojo decorado a punção lateral (FCORV-A2 359)

Fig. 14 – Pendente em xisto (FCORV-A2 341)

Após a remoção destas Unidades Estratigráficas [UE.2036 e UE.2088 (Cf. Estampa X) eram visíveis as seguintes realidades:

- Em E-6/7 imediatamente sob a UE.2088, que apresentava uma espessura média de 20cm, detectámos uma camada de terras de consistência dura, amarelo-alaranjadas (10YR 7/6), em tudo idênticas às da UE.2071, identificada em 2005, em quadrados limítrofes;
- Nos quadrados F-6/7, a UE.2036/2088, assentava sobre uma outra camada de terras compactas e duras [2094] de cor castanha (7,5YR 5/4) em tudo similar à UE.2062 identificada em campanha anterior;
- Separando a UE.2094 da UE.2062, no quadrante oeste dos supra-referidos quadrados identificamos uma estrutura pétrea, maioritariamente constituída por blocos de grandes e médias dimensões em xisto [UE.2087];
- No quadrado F-5, sob a UE.2085, foi possível identificar, uma camada de terras também elas compactadas [UE.2092], em tudo idênticas à UE.2094, ainda que a uma cota relativamente mais alta;

A desmontagem posterior da UE.2092 (cf. Estampa XI) permitiu determinar, que a UE.2092, assentava directamente sob uma camada de terras similar [UE.2093] que se configurava como a continuação da UE.2094 para este quadrado, sob o limite norte da

UE.2087. A decapagem da UE.2092, permitiu a recuperação de um pequeno fragmento de bordo de recipiente manual (FCORV-A2 305/06).

Seguidamente, procedemos à desmontagem da totalidade das unidades presentes na área de escavação correspondente ao *Piso c*. A decapagem das unidades constituintes desta realidade só permitiu a recuperação de um fragmento de movente de mó manual, sobre seixo rolado de xisto, em H-6 (FCORV-A2 286/06).

Após a decapagem do *Piso c*, verificou-se (Cf. Estampa XIII):

- Na maioria da área dos quadrados F/H-5/7, sob as unidades que componham a realidade por nós designada *Piso c* [UE.2062, 2069, 2094, 2024 e 2070] foi detectada a extensão da UE.2087, que podemos então compreender tratar-se de uma estrutura em forma de rampa, com os elementos de xisto – relembre-se de médias e grandes dimensões – cuidadosamente imbricados de forma a que os anteriores se apoiam nos posteriores, formando um plano inclinado de oeste para este. Esta estrutura encontrava-se inserida numa matriz de terras de consistência média e coloração amarelo escuro (10YR 4/4) [UE.2098]. Desta matriz foi recuperámos ainda, de G-6, um fragmento de bojo de recipiente de produção manual, com decoração incisa num padrão em espinha (FCORV-A2 343/06);
- Em F/G-6, detectámos o negativo de uma fossa [UE.2091] também ela o negativo da acção da raiz, que perturbou o topo do *Piso c* criando o negativo UE.2063. Nas terras que preenchiam esta fossa [UE.2090] foi recuperado um dente – presumivelmente um molar – aparentemente de um urso (FCORV-A2 301/06);
- Nos quadrados G/I-7 sob o *Piso c*, tínhamos já identificado em 2005 outra camada de terras castanhas amareladas (10YR 5/4) também elas bastante compactadas [UE.2073 em I-7 e UE.2074 em G/H-6/7]. Estas parecem configurar-se como os restos de um piso de ocupação (*Piso d*). Da UE.2074, em G-6 foi recuperado um fragmento de um disco em xisto polido, com perfuração central (FCORV-A2 296/06);

Fig. 15 – Fragmento de disco em xisto (FCORV-A2 296)

Fig. 16 – Fragmento de bojo, com decoração pontilhada no interior (FCORV-A2 283)

- Ainda sob o Piso c, desenvolvia-se em I-6/7 uma fossa [UE.2076] resultado da acção de raízes na área. Durante a escavação desta fossa foi detectado, um possível dente humano, de J-6 (FCORV-A2 363/06), em I-6 um fragmento de bojo de recipiente manual, com decoração pontilhada no seu interior (FCORV-A2 283/06) e fragmento de um mamilo cerâmico, com perfuração horizontal (FCORV-A2 323/06) e em I-7, um pequeno fragmento ou barrinha, em bronze (FCORV-A2 362/06). Este fragmento, por sua vez articula-se com um pequeno bracelete, também em bronze, recuperado no sector sul de I-7, das terras [UE.2050] que preenchiam a vala/fossa UE.2049 (FCORV-A2 364/06);

Fig. 17 – Fragmento de bracelete em bronze (FCORV-A2 362)

Fig. 18 – Bracelete em bronze (FCORV-A2 364)

- Em G/H-5 a fossa das raízes das mimosas [UE.2085] prolongava-se até uma profundidade de cerca de 40-50cm, tendo destruído em parte a estrutura UE.2087];
- No quadrante oeste da nossa intervenção, em I-7/8, junto à fossa UE.2049, foi possível detectar uma outra camada de terras compactas e duras [UE.2100] de

coloração castanho-amarelado escuro [7,5yr 4/4] que pela estrutura e interface superior compacta, consideramos tratar-se de um outro piso de ocupação, subjacente à UE.2073/2074 (eventual piso *Piso e* neste caso);

- Em J-7/8, sob a UE.2096, a zona encontrava-se profundamente remexida pela acção das raízes, que formaram a fossa UE.2102, enquanto que no quadrante norte, em contacto com J-6, identificaram-se os limites da interface superior da UE.2075, já descrita em 2005. A decapagem da UE.2096 permitiu a detecção do que aparenta ser um fragmento de elemento de molde em cerâmica – provavelmente de utilizando a técnica da cera perdida – de I-7 (FCORV-A2 365/06);

Fig. 19 – Fragmento de elemento de Molde (FCORV-A2 365)

- No respeitante à decapagem dos quadrados F-6/8 sob a UE.2071, à semelhança da campanha anterior, detectámos uma camada de terras de consistência média [UE.2082], castanhas alaranjadas (10YR 7/6) que incluía bastantes elementos geológicos, como quartzos e xistos, que se encontravam bem cravados nesta matriz. Durante a decapagem da UE.2071 verificou-se, mais uma vez, ser a mesma arqueologicamente estéril;
- Em F-4/5, aproveitámos para decapar a UE.2082, de modo a entender a formação do abrigo. Verificámos, que esta unidade se prolonga até uma profundidade média de cerca 1,5m abaixo do nível original do solo antes da escavação, sem alterações de maior.

O passo seguinte consistiu na desmontagem das UE.2075, 2074 e 2073 (Cf. Estampa XIV).

Quanto à UE.2075 em J-6, esta apresentava uma potência máxima de 30cm e assentava em clara descontinuidade sobre as terras soltas [UE.2103] castanhas avermelhadas (5YR 4/4) que preenchiam uma fossa de raiz [UE.2104].

O presumível piso de habitat constituído pelas UE.2073 e 2074, em I-7, assentava em clara descontinuidade na camada de terras também elas bastante duras e compactas [UE.2100], de cor castanha escura.

Na restante área intervencionada, G/H-6/7, a UE.2074, sobrepunha-se à estrutura pétrea UE.2087.

Nesta altura, tendo em conta a falta de tempo e meios humanos, demos por terminada a nossa intervenção no Abrigo 2.

Terminada a campanha de 2006, foram a totalidade das áreas escavadas quer no Sector A quer no Abrigo 2 cobertas com geotêxtil ancorado com pedras e recoberto com terra de crivo.

4. OS MATERIAIS RECOLHIDOS E O RESPECTIVO ENQUADRAMENTO CRONOCULTURAL

A ocupação da Primeira Idade do Bronze – O ambiente cultural documentado nas escavação das cinco cabanas estudadas caracteriza-se por produções cerâmicas que, para além das formas correntes (fig. 20), apresentam recipientes com decorações de "tradição Campaniforme" impressas a pente (fig. 16) juntamente com taças de "tipo Cogeces ou Protocogotas" que por vezes combinam decorações pontilhadas geométricas e incisas ocasionalmente com preenchimento a pasta branca (fig.7).

A indústria lítica talhada, recuperada sobretudo nas Cabanas 4 e 5, incide sobretudo em quartzo e xisto anfibólico e engloba elementos de foice denticulados, pontas de projéctil, furadores e raspadores.

A fauna representada pelos restos osteológicos recuperados na Cabana 5 parece englobar, eventualmente entre outras espécies, ovicaprinos e suínos[1].

A associação de olaria decorada de tradição campaniforme, até à data identificada em todas as primeiras cinco cabanas escavadas, juntamente com formas e decorações típicas do "Mundo Cogeces" constitui um argumento poderoso para

[1] Agradecemos ao Dr. Manuel Cardoso a determinação preliminar deste restos de fauna.

enquadrar este povoado num momento relativamente antigo da Primeira Idade do Bronze.

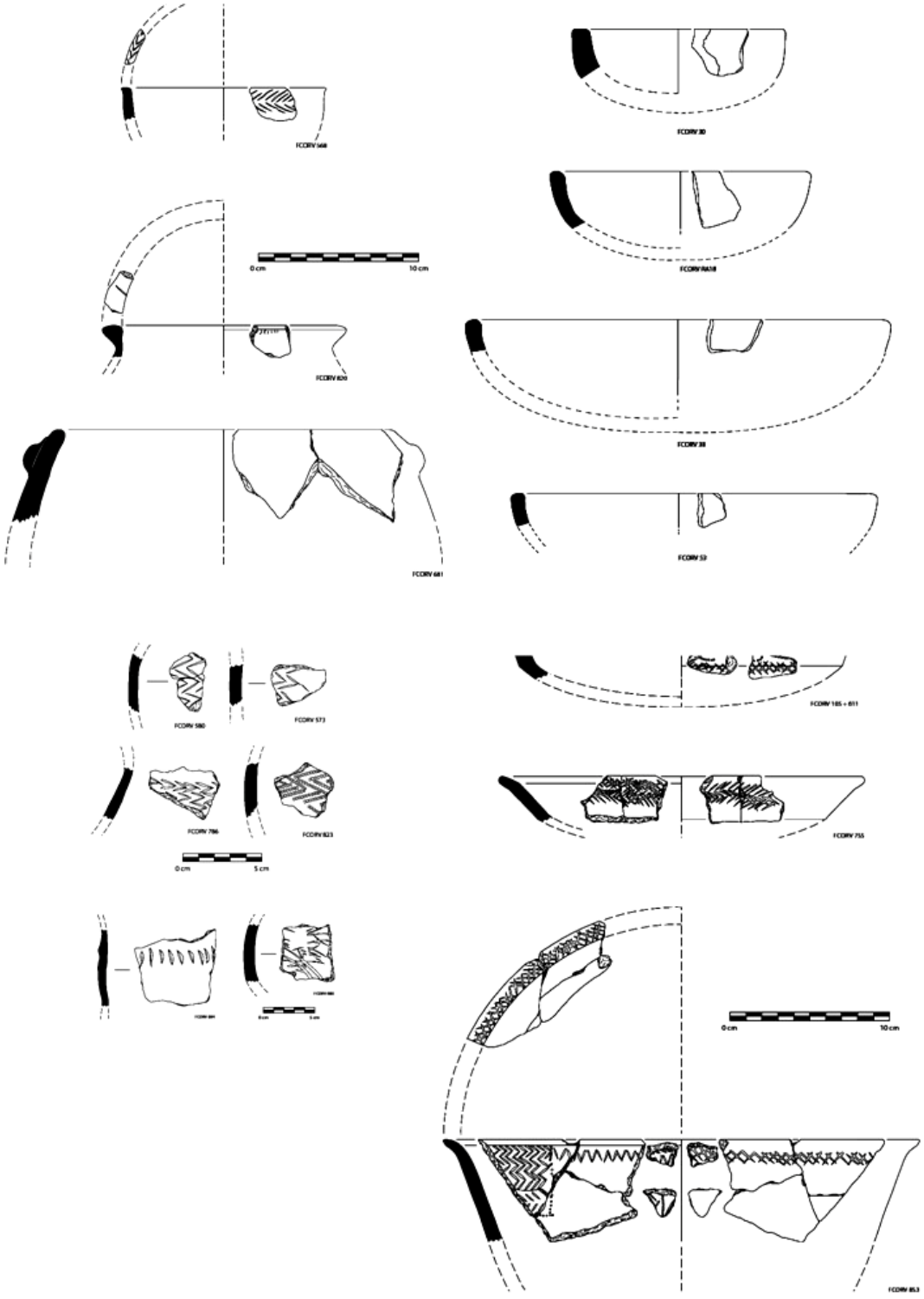

Fig. 20 – Olaria das Cabanas 4 e 5.

É hoje claro que o "fenómeno Campaniforme" abrange, no âmbito peninsular, uma diacronia muito mais ampla do que se poderia pensar até há pouco tempo (Senna-Martinez, 2002.). Parece-nos seguro, nomeadamente, que este se prolonga para o primeiro quartel do segundo milénio cal AC e, desta forma, é parte integrante da etapa inicial da Primeira Idade do Bronze em diversas áreas peninsulares, incluindo a totalidade das do Ocidente Peninsular.

Por outro lado, os dados existentes sobre as primeiras manifestações do "Mundo Cogeces ou Protocogotas" apontam para cerca de 1700 cal AC (Castro Martínez, Lull & Micó, 1996: 161-167; Abarquero Moras, 2005: 59-68), com possibilidades de recuo até aos 1800 cal AC, sobretudo se tivermos em conta os dados de Castelo Velho de Freixo de Numão (Botelho, 1997) e do Fumo (Carvalho, 2004), na bacia do Côa, para nós particularmente interessantes porque vizinhos da nossa área de estudo.

Deste modo e enquanto aguardamos por resultados de análise radiocarbónica de algumas amostras, parece-nos poder propor um momento final do primeiro quartel do segundo milénio cal AC como proposta cronológica para estes ambientes culturais da Fraga dos Corvos.

Assim, uma vez que a evidência contextual disponível nos permite considerar a Cabana 4 e o Alpendre anexo como uma área de fundição, uma vez confirmados, para os restantes elementos metálicos descobertos, os resultados analíticos obtidos para o primeiro pingo de fundição descoberto em 2004 e, a ser correcta a nossa proposta de cronologia, estaremos em presença da mais antiga área de trabalho de bronze conhecida no território português e, eventualmente, peninsular.

O que esta nos documenta, pela própria modéstia dos dados disponíveis, é uma produção que pode interpretar-se como de tipo doméstico e em pequena escala.

As alabardas atlânticas, incluindo as de tipo Carrapatas, costumam colocar-se num âmbito cronológico de fins do terceiro milénio cal AC inícios do segundo. Correspondendo a ambientes culturais com olaria Campaniforme tardia, pontas Palmela, punhais de lingueta e primeiros adornos áureos. Para estes elementos metálicos, nomeadamente para as alabardas (Senna-Martinez, 1994a) e com exclusão dos de ouro, são utilizados cobres arsenicais (Delibes de Castro, Fernández Manzano, Herrán, & Rovira Llorens, 2002).

As primeiras ligas de bronze binário surgem no Norte de Portugal e Galiza com os machados de tipo "Bujões/Barcelos" para os quais não se conhecem contextos segu-

ros mas que, pela sua semelhança com os tipos argáricos e outros, se colocam normalmente como posteriores a 1700 cal AC.

O que o contexto da Cabana 4 da Fraga dos Corvos nos revela é que, numa etapa cultural que parece inserir-se num âmbito cronológico compatível com os machados de tipo "Bujões/Barcelos", já existiria produção regional dos primeiros bronzes binários de forma compatível com o modelo de introdução proposto para a Península Ibérica por Fernández-Miranda, Montero Ruiz e Rovira Llorens (1995).

Pensamos deste modo que, a introdução da metalurgia do bronze, substituindo a dos cobres com arsénico, acompanha regionalmente a substituição das alabardas de tipo Carrapatas pelos machados de tipo "Bujões/Barcelos" como símbolos de poder, situação com evidentes paralelos com o verificado na área argárica (Castro Martínez, *et alii*. 1993/1994).

Esperamos, desta forma, que a continuidade de estudo deste arqueosítio nos permita enquadrar o mundo dos depósitos da Primeira Idade do Bronze em Trás-os-Montes Oriental já não só como achados avulsos de conjuntos metálicos mas também como parte de um todo social caracterizado multidimencionalmente.

O Conjunto de bronzes em contextos secundários do Abrigo 2 – Todo um outro tipo de questões é levantado pelo conjunto de objectos metálicos recolhidos, em contextos secundários, no Abrigo 2, nas campanhas de 2005 e 2006.

Fig. 21 – Os principais elementos do conjunto de objectos metálicos recolhidos no Abrigo 2, em 2005 e 2006.

O conjunto (Fig. 21) compreende: uma fíbula de dupla mola (FCORV-A2-181); um pendente com decoração pontilhada a punção nas duas faces (FCORV-A2-252); uma agulha (FCORV-A2-188); uma espátula para cosméticos (FCORV-A2 361); um bracelete em fita estreita (FCORV-A2 362 e 364); uma argola (FCORV-A2-120) e três fragmentos de barrinhas (FCORV-A2-206, 208 e 215). Estes exemplares foram caracterizados quanto à sua composição elementar como bronzes binários. As análises não destrutivas foram efectuadas por Espectrometria de Fluorescência de Raios X (EDXRF) no Instituto Tecnológico e Nuclear (Sacavém, Portugal). O seu estudo detalhado será alvo de artigo a publicar brevemente.

Os materiais recolhidos na campanha 4 (2006) encontram-se depositados provisoriamente no Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, prevendo-se a sua integração após estudo, na Sala de Arqueologia do Museu Municipal de Macedo de Cavaleiros, instalado no Complexo do Parque Natureza do Azibo.

Bibliografia:

AAVV, (1995) – *A Idade do Bronze em Portugal*, Lisboa, Secretaria de Estado da Cultura, Instituto Português de Museus

ABARQUERO MORAS, F.J. (2005) *Cogotas I. La difusión de un tipo cerámico durante la Edad del Bronce*, «Arqueología de Castilla y León», 4, Junta de Castilla y León

AMAGRO-GORBEA, M. (2004) – "Inscripciones y grafitos tartesios de la necrópolis orientalizante de Medellín", in: *Palaeohispanica*, 4, pp.13-44

BÁRTHOLO, M.L. (1959) – "Alabardas da época do bronze no Museu Regional de Bragança", in: *Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia*, Lisboa, Instituto de Alta Cultura, Vol. I, pp.431-39

BOTELHO, I. J. (1997) – "Dos cacos e dos vasos. O «Castelo Velho» de Freixo de Numão, na charneira do IIIº - IIº mil. a.C.", in: *II Congreso deArqueología Peninsular*, II. Zamora: Fundación Rei Afonso Henriques, p. 401-416

BRIARD, J. (1997) – *L'Age du Bronze en Europe: économie et société 2000 - 800 avant J. -C.* Paris: Errance (Collection des Hespérides)

CARVALHO, A.F. (2004) – "O povoado do Fumo (Almendra, Vila Nova de Foz Côa) e o início da Idade do Bronze no Baixo Côa (trabalhos do Parque Arqueológico do Vale do Côa)", in: *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 7(1), pp.185-219

CASTRO MARTÍNEZ, P. V.; LULL, V. & MICÓ, R. (1996) – *Cronología de la Prehistoria Reciente de la Península Ibérica y Baleares (c. 2800-900 cal ANE)*, Oxford, TEMPVS REPARATVM, «BAR International Series», 652

CASTRO MARTÍNEZ, P. V. *et alii*. (1993-94) – "Tiempos sociales de los contextos funerarios argáricos", in: *AnMurcia*, 9-10, pp.77-105

DELIBES DE CASTRO, G.; FERNÁNDEZ MANZANO, J.; HERRÁN, J.I. & ROVIRA LLORENS, S. (2002) – "The Atlantic Halberds of the beginning of the Bronze Age in the Iberian Peninsula: typology, context and archeometalurgical study", in: M. BARTELHEIM, E. PERNICKA & R. KRAUSE, *Eds*. *The Beginnings of Metallurgy in the Old World*, Werlag Marie Leidorf GmbH, Rahden/Westf., pp.245-254

FERNÁNDEZ-MIRANDA, M.; MONTERO RUÍZ, I. & ROVIRA LLORENS, S. (1995) – "Los primeros objetos de bronce en el Occidente de Europa", in: *Trabajos de Prehistoria*, 52(1), pp.57-69

HARBINSON, P. (1967) – "Mediterranean and Atlantic Elements in the Early Bronze Age of Northern Portugal and Galicia", in: *Madrider Mitteilungen*, 8, pp.100-122

HARBINSON, P. (1968) – "Três tipos de machados de bronze do norte de Portugal e suas prováveis origens", in: *Rev. Guimarães*, LXXVIII, pp.49-54

SANCHES, M.J. (1997) – *Pré-História Recente de Trás-os-Montes e Alto Douro*, Porto, Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, 2 Vols.

SENNA-MARTINEZ, J.C. (1994a) – "Subsídios para o estudo do Bronze Pleno na Estremadura Atlântica: (1) A alabarda de tipo «Atlântico do Habitat das Baútas (Amadora)", in: *Zephyrus*, XLVI, pp.161-182.

SENNA-MARTINEZ, J. C. (1995c) – "No Alvorecer da Vida Urbana: Bronze Final e presenças orientalizantes no Centro de Portugal", in: *Portugal e o Mundo, do Passado ao Presente*, «Actas do 1º Curso de Verão de Cascais», Cascais, Câmara Municipal de Cascais, pp.63-84

SENNA-MARTINEZ, J. C. (2000b) – "O problema dos primeiros ferros peninsulares em contextos do Bronze Final da Orla Atlântica: os dados do «Outeiro dos Castelos de Beijós» Carregal do Sal)", in: *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 6, Lisboa, Colibri, pp.43-60

SENNA-MARTINEZ, J.C. (2002) – "Aspectos e Problemas da Investigação da Idade do Bronze em Portugal na segunda metade do século XX", in: *Arqueologia 2000: Balanço de um século de Arqueologia em Portugal*, Lisboa, Associação dos Arqueólogos Portugueses, pp.103-124

SENNA-MARTINEZ, J.C. (2005) – "O outro lado do comércio orientalizante: Aspectos da produção metalúrgica no pólo indígena, o caso das Beiras Portuguesas", in: *El Periodo Orientalizante. Actas del III Simposio Internacional de Arqueología de Mérida: Protohistoria del Mediterráneo Occidental*, Anejos de *AEspA* XXV, pp.901-910

SENNA-MARTINEZ, J.C.; VENTURA, J. M. Q. & CARVALHO, H. A. (2004) – "A Fraga dos Corvos : Um caso de Arqueologia e Património em Macedo de Cavaleiros", in: *Cadernos «Terras Quentes»*, 1, Macedo de Cavaleiros, Edições ATQ/CMMC, pp.32-58

SENNA-MARTINEZ, J.C.; VENTURA, J. M. Q. & CARVALHO, H. A. (2005) – "A Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros): Um sítio de Habitat do "Mundo Carrapatas" da Primeira Idade do Bronze em Trás-os-Montes Oriental", in: *Cadernos «Terras Quentes»*, 2, Macedo de Cavaleiros, Edições ATQ/CMMC, pp.61-81

SENNA-MARTINEZ, J.C. *et alii*. (2006) – A Fraga dos Corvos (Macedo de Cavaleiros): Um sítio de Habitat da Primeira Idade do Bronze em Trás-os-Montes Oriental. A Campanha 3 (2005). *Cadernos Terras Quentes*. Macedo de Cavaleiros. Edições ATQ/CMMC. 3, pp.61-85